

Quando Mary Lennox foi enviada para Misselthwaite Manor para viver com seu tio, todos disseram que era a criança de aparência mais desagradável jamais vista. E era bem verdade. Tinha o rosto e o corpo um pouco magros, cabelos claros e finos, e uma expressão ranzinza. Os cabelos e a face eram amarelados, porque nascera na Índia, e sempre estivera doente de uma maneira ou de outra. Seu pai exercia o cargo de oficial do governo inglês e sempre estava ocupado e doente, e sua mãe, por ser possuidora de uma grande beleza, cuidava apenas de ir a festas e divertir-se com pessoas alegres. Definitivamente não queria uma menininha e, quando Mary nasceu, entregou-a aos cuidados de uma ama, que logo compreendeu que se desejasse agradar a Mem Sahib, a mãe, deveria manter a criança longe dos seus olhos, tanto quanto possível. Então, enquanto fora um bebezinho doente, rabugento e feio, foi mantida afastada, e, mesmo quando se tornou uma coisa doente, rabugenta e a dar os primeiros passos, foi mantida afastada também. Não se lembrava de qualquer coisa familiar, a não ser os rostos escuros de sua aia e de outros criados

nativos, que sempre a obedeciam e faziam tudo da maneira como queria, porque a mãe ficou seis anos, era uma criança desagradável, tão tirânica e egoísta quanto jamais se vira. A jovem governanta inglesa, que veio para lhe ensinar a ler e escrever, demonstrava tanta aversão por ela, que abandonou seu posto em três meses e, quando outras governantas eram contratadas para tentar fazer a mesma tarefa, sempre iam embora em um tempo mais curto do que a primeira. Assim, se Mary não quisesse realmente saber como ler livros, nunca aprenderia as letras de fato. Em uma manhã assustadoramente quente, quando tinha cerca de nove anos, acordou sentindo-se muito irritada, e ficou mais irritada ainda quando viu que a criada que estava de pé ao lado de sua cama não era a sua ama. — Por que você veio? — disse à mulher estranha. — Não vou deixar você ficar. Quero minha ama. Mary ficou ensimesmada, bateu e deu-lhe pontapés, ficou ainda mais assustada, e repetiu que a ama não poderia ficar com ela. Havia algo de misterioso no ar naquela manhã. Nada estava sendo feito em sua ordem habitual, vários criados nativos pareciam ter faltado, e aqueles que Mary via, escapuliam ou apressavam-se,

com as faces um pouco pálidas e apavoradas. Mas parecia querer lhe dizer nada, e sua ama não estava lá. ninguém

Na realidade foi deixada sozinha enquanto a manhã seguia, então, acabou indo perambular no jardim, começando a brincar sozinha sob uma árvore, perto da varanda. Fingiu que estava fazendo um canteiro, fincando galhos com flores de hibisco grandes e escarlates em pequenos montes de terra. Durante todo o tempo, sentia que sua fúria crescia mais e mais, e resmungava para si mesma todas as coisas que diria e os nomes pelos quais chamaria a ama, quando esta retornasse. — Porca! Porca! Filha de porcos! — disse, por saber que chamar um nativo de porco era o pior de todos os insultos. Ela rangia os dentes, dizendo aquelas coisas por repetidas vezes, quando viu sua mãe surgir da varanda com alguém. Estava com um lindo moço, e eles conversavam em vozes baixas e estranhas. Mary conhecia o moço lindo, que parecia um menino. Ouvira que era um oficial muito jovem, que acabara de chegar da Inglaterra. A criança arregalou os olhos para ele, mas com ainda mais intensidade para sua mãe. Sempre fazia isso quando tinha uma chance de vê-la, porque a Mem Sahib – Mary costumava chamá-la desta forma, com

mais frequência do que por qualquer outro nome – era uma pessoa alta, esbelta e linda, e usava roupas muito encantadoras. Seu cabelo era como fios de seda encaracolados, seu nariz era tão pequeno e delicado, que fazia com que ela parecesse sempre esnober as coisas, e seus olhos eram grandes e sorridentes. Todas as suas roupas eram elegantes e flutuantes, e Mary dizia que eram "cheias de renda". Pareciam mais cheias de renda do que nunca naquela manhã, mas seus olhos não estavam sorridentes de modo algum. Estavam grandes e apavorados, e erguiam-se para o rosto do lindo e jovem oficial, como se lhe implorassem alguma coisa. — É assim tão ruim? Tão ruim? — Mary ouviu-a dizer. — Muito. — o moço respondeu com uma voz trêmula. — Muito, Sra. Lennox. A senhora deveria ter ido para as montanhas há duas semanas. A Mem Sahib torceu as mãos. — Oh, eu sabia que deveria ter ido! — ela choramingou. Só fiquei para ir àquele estúpido jantar. Naquele mesmo instante, o som de um lamento tão alto irrompeu dos quartos dos criados, que ela agarrou o braço do moço, e Mary permaneceu tremendo da cabeça aos pés. O lamento tornou-se cada vez mais selvagem. — O que é isso? O que é isso? — a senhora Lennox disse com voz entrecortada. — Alguém morreu. — respondeu

— respondeu o jovem oficial. — Você não disse que já estava acontecendo com seus criados. — Não sabia! — a Mem Sahib choramingou. Venha comigo! — e virou-se, entrando na casa apressadamente. Depois disso, coisas apavorantes aconteceram, e o mistério da manhã foi explicado à Mary. A cólera surgiu em sua forma mais fatal, e as pessoas estavam morrendo como moscas. A ama caíra doente durante a noite, e, por ela ter acabado de morrer, que os criados lamentavam-se nas choupanas. Naquele mesmo dia, três outros criados caíram mortos, e outros fugiram de terror. Havia pânico por todos os cantos e pessoas moribundas em todos os bangalôs. Durante a confusão e o apintarroxoamento do segundo dia, Mary escondeu-se no quarto das crianças e foi esquecida por todos. Ninguém pensou nela, ninguém a queria, e coisas estranhas, das quais não sabia nada, aconteciam. Alternadamente chorava e dormia, enquanto as horas passavam. Sabia apenas que as pessoas estavam doentes e que ouvia sons misteriosos e assustadores. Em uma certa hora, arrastou-se para a sala de jantar e encontrou-a vazia, embora houvesse uma refeição parcialmente

terminada sobre a mesa, e as cadeiras e os pratos do apressadamente, quando os comensais precisaram pareciam ter sido deixados de lado se levantar, subitamente, por alguma razão. A criança comeu uma fruta e biscoitos, e, por estar com sede, bebeu um copo de vinho que estava quase cheio. A bebida era doce, e ela não sabia o quão forte era. Em pouco tempo a fez ficar muito sonolenta, e ela voltou para seu quarto, confinando-se novamente, assustada pelos choros que ouvia nas choupanas e pelo som produzido pelos pés apressados. O vinho a deixou tão sonolenta, que mal conseguiu manter os olhos abertos. Então deitou-se e não soube de mais nada por um longo tempo. Muitas coisas aconteceram durante as horas em que dormiu tão pesadamente, mas, pelo menos, ela era perturbada pelos lamentos nem pelo som das coisas sendo levadas para dentro e para fora do bangalô. Quando acordou, aquietou-se e olhou para a parede. A casa estava perfeitamente silenciosa. Ela nunca a tinha visto tão silenciosa antes. Não ouvia vozes nem passos, e queria saber se todos tinham contraído muita cólera e se os problemas já tinham acabado. Queria saber também quem cuidaria dela, já que sua ama estava morta. Haveria uma nova ama e, talvez, conheceria novas histórias. Já estava muito cansada das histórias anti

tigas. Não chorou por sua enfermeira ter morrido. Não era uma criança afetuosa e nunca se importava muito com ninguém. O barulho, a confusão e o lamento por causa da cólera assustaram-na, e ficou furiosa porque ninguém parecia se lembrar de que estava viva. Todos estavam apavorados demais para pensar em uma menininha de quem ninguém gostava. Quando as pessoas contraíam a cólera, pareciam não se lembrar de nada, exceto delas mesmas. Mas se todos ficassem bem novamente, certamente alguém se lembraria e iria procurá-la. Mas ninguém apareceu e, como continuava esperando, a casa parecia se tornar mais e mais silenciosa. Ouviu um ruído vindo do capacho e, quando baixou os olhos, viu uma pequena cobra, deslizando-se pelo chão e olhando para ela com olhos como joias. Não estava assustada, porque se tratava de um animalzinho inofensivo, que não a machucaria, e parecia apressado para sair do quarto. A cobra escorregava por debaixo da porta enquanto a menina a observava. — Tudo está tão estranho e silencioso. — disse. — Parece que não há ninguém no bangalô, exceto eu e a cobra. Logo em seguida, ouviu passos no recinto e depois na varanda.

Eram passos de homens que entraram no bangalô e sussurros. Ninguém foi recebê-los ou falar com eles enquanto abriam as portas e examinavam os cômodos. — Que desolação! — a menina ouviu uma voz dizer. Aquela linda, linda mulher! Penso na criança também. Ouvi dizer que havia uma criança, embora ninguém a tenha visto. Mary estava de pé no meio do quarto quando abriram a porta poucos minutos depois. Parecia uma coisinha feia, zangada, e estava carrancuda, porque começava a sentir fome e vergonhosamente abandonada. O primeiro homem que entrou era um oficial forte, que uma vez vira conversando com seu pai. Parecia cansado e aflito, mas quando a viu, ficou tão sobressaltado, que quase se lançou para trás. — Barney! — gritou. — Sou Mary Lennox, — a menina disse, contraindo-se rigidamente. Achava que o homem era muito rude por chamar o bangalô do seu pai "um lugar como este!" — Adormeci quando todos contraíram a cólera e acordei somente agora. Por que ninguém veio me buscar? — É a criança que ninguém encontrava! — exclamou o homem, voltando-se para seus companheiros. — Por que fui esquecida? — disse Mary, batendo o pé. O moço, cujo nome era Barney, olhou para ela com

tristeza. Mary até pensou tê-lo visto piscar os olhos, derramar lágrimas. — Pobre criança! — disse. — Não como que para  
resta ninguém para vir pegá-la. Foi daquela estranha e repentina maneira que Mary descobriu que não lhe restava pai nem mãe, que morreram e foram levados durante a noite. E os poucos criados nativos que não morreram, também deixaram a casa tão rápido quanto puderam; mas nenhum deles sequer se lembrava de que havia uma Missie Sahib. Era por isso que o lugar estava tão silencioso. Era verdade que não havia ninguém no bangalô, exceto ela e a pequena cobra rastejante. Mary gostava de olhar para sua mãe, a certa distância, e a achava muito bonita, mas, como sabia muito pouco sobre ela, era difícil esperar que a amasse ou que sentisse muito a sua falta quando ela se foi. De fato, não sentiu a falta dela e, como era uma criança absorta, entregou-se completamente a pensamentos sobre si mesma, como sempre fazia. Se fosse mais velha, não hesitaria em estar muito ansiosa por ter sido deixada sozinha no mundo. Mas era muito jovem e, como sempre recebera cuidados, imaginava que era o que sempre aconteceria. O que ela gostaria de saber era se ia ficar com pessoas agradáveis, que seriam educadas com ela e que lhe deixariam viver do seu próprio jeito,

